

# **As Comunidades Eclesiais de Base como modelo inspirador da nova evangelização**

*Álvaro Barreiro*

## ***Observações introdutórias***

O objetivo do nosso trabalho é mostrar que as CEBs, pelo seu "novo jeito de ser", pela sua maneira de acolher, viver e anunciar o Evangelho, são um "modelo inspirador" para responder a alguns dos maiores desafios postos hoje à missão evangelizadora da Igreja no Brasil e na América Latina. À imensa maioria dos cristãos pobres que forma as CEBs, nem lhe passaria pela cabeça apresentar-se como "modelo". E contudo, elas o são, na medida em que a força do Evangelho transforma suas vidas, pessoal e comunitariamente.

Disto não se segue que as CEBs sejam um modelo perfeito nelas mesmas nem um modelo pronto para ser aplicado tal qual na missão evangelizadora da Igreja sempre e em toda parte. Também com relação às CEBs, o simplismo, o idealismo, e, mais ainda, o triunfalismo, são nefastos. Todos os aspectos positivos que vamos apresentar não devem levar-nos a negar ou a esquecer as limitações e as falhas que também existem nas CEBs, como em todas as outras comunidades do "povo santo e pecador" que é a Igreja.

Em primeiro lugar, as CEBs não são perfeitas. Não só se defrontam com as injustiças, dificuldades e limitações, cuja origem está no "pecado estrutural", e que são maiores do que suas forças e capacidades para resolvê-las. Nelas há também deficiências, cuja origem está no deficiente espírito evangélico de seus membros. As CEBs não estão imunizadas contra nenhum dos pecados que podem ser cometidos contra Deus e contra os irmãos. Também elas sentem o cansaço e cometem erros, correm riscos e podem enveredar por desvios de rota fatais.

Em segundo lugar, as CEBs não são a solução para todos os problemas postos pela *nova evangelização (NE)*. Nas palavras de Paulo VI em seu discurso de clausura do Sínodo sobre a Evangelização, as CEBs são "uma grande esperança para a Igreja, (...) elas têm sua origem no Espírito Santo". Pessoalmente estamos convencidos, por uma série de razões, algumas das quais serão explicitadas ao longo deste estudo, de que as CEBs são um acontecimento absolutamente inédito nos 500 anos de história da Igreja no Brasil e na América Latina. Mas não são a panacéia para resolver todos os problemas com que se defronta hoje a missão evangelizadora da Igreja. Não o são, nem o podem ser, por razões sociológicas e teológicas.

Quando as CEBs nasceram e começaram expandir-se nas zonas rurais, uns 30 anos atrás, 70% da população em números redondos vivia no campo. Hoje, mais de 70% vive nas grandes cidades e regiões urbanas. A partir da década de 70 foram fundadas muitas CEBs nas periferias das grandes cidades, mas sua influência no conjunto da sociedade brasileira é ainda muito reduzida. Não existe, que nós saibamos, uma pesquisa rigorosa e completa sobre o número de CEBs espalhadas por todo o território nacional<sup>1</sup>. Mesmo que fossem 100 mil, com aproximadamente 4 milhões de participantes, seriam ainda uma minoria.

As CEBs podem e devem ser um "modelo inspirador" para a missão evangelizadora da Igreja mesmo nas áreas urbanas. Contudo, nem as formas de organização e de ação criadas por elas nem seu estilo de vida podem ser adotados como modelo (no sentido técnico do termo: "representação em pequena escala de algo que se pretende executar em grande") capaz de responder aos enormes desafios da pastoral urbana. As razões desta incapacidade são, como dissemos, não só sociológicas, mas também teológicas. A fé cristã, com efeito, é sim essencialmente comunitária. Segundo o Novo Testamento não existe fé cristã que não seja de alguma maneira eclesial. Mas, é teologicamente injustificável querer impor aos cristãos *uma determinada forma* de vida comunitária para poder serem cristãos.

Uma última observação: nem todos os elementos positivos das CEBs apresentados no nosso estudo existem com a mesma vitalidade em todas elas. Nem sempre a etiqueta garante a qualidade do produto. Por um lado, há casos de comunidades que se autodenominam CEBs, mas que na realidade não o são, e têm práticas que são até o oposto; por outro lado, há comunidades eclesiais que, sem autodenominar-se CEBs, seus objetivos, seus ideais e suas práticas coincidem com os que são considerados como mais característicos das CEBs.

Abordamos o tema que nos foi proposto começando pela apresentação de alguns dados sobre a origem da expressão "*nova evangelização*", sua recepção crítica e seu significado teológico-pastoral (II). Tendo como pano de fundo os desafios e os objetivos da NE, tentaremos mostrar como as CEBs, a partir da sua autocompreensão e das suas práticas, podem ser vistas como "modelos

<sup>1</sup> No último boletim do CERIS é anunciada uma pesquisa em andamento em nível nacional que preencherá finalmente esta lacuna.

inspiradores da nova evangelização". Nesta ótica exporemos as outras três partes do estudo: nas CEBs os pobres são evangelizados e evangelizam comunitariamente (II); As CEBs são Igrejas da Palavra (III); As CEBs superam o dualismo entre fé e vida (IV). Finalmente, recolheremos nas conclusões, de maneira sistemática e pregnante, a contribuição das práticas das CEBs para a nova evangelização.

## **I. A expressão "nova evangelização", seu significado e sua recepção**

### *A. O uso da expressão em João Paulo II*

A expressão "nova evangelização" está na moda. Fala-se e escreve-se sobre ela a torto e a direito, à direita e à esquerda. As interpretações, porém, são as mais variadas. O que é a NE? Um pleonismo? Uma necessidade pastoral? Um modismo passageiro?

Não vamos entrar aqui na análise pormenorizada do conceito de NE<sup>2</sup>. Limitamo-nos a indicar alguns dados sobre a origem da expressão, cujo *Sitz im Leben* foi o confronto com os desafios da evangelização na América Latina, assim como sobre várias tentativas de formular uma NE *avant la lettre*. O que importa na ótica do nosso estudo é ressaltar a novidade e a gravidade dos desafios postos à missão evangelizadora da Igreja no momento atual da América Latina. Diante deles aparecerá também claramente o valor da contribuição das CEBs para responder a esses desafios.

A expressão NE foi usada pela primeira vez por João Paulo II no dia 9 de março de 1983, no discurso à XIX Assembléia Plenária do CELAM, reunida em Porto Príncipe (Haiti) para preparar a celebração dos 500 anos de evangelização do Continente americano e a IV Conferência do episcopado latino-americano, a ser realizada em Santo Domingo, em outubro de 1992. "A comemoração do meio milênio de evangelização — disse o Papa — terá sua significação plena se for um compromisso vosso como bispos, junto com vosso presbitério e fiéis; compromisso, não de reevangelização, mas sim de uma evangelização nova. Nova em seu ardor, em seus métodos, em sua expressão"<sup>3</sup>.

<sup>2</sup> Para uma visão global da nova evangelização no magistério de João Paulo II, ver A. DULLES, "John Paul II and The New Evangelization", *America* 166 (1992) 52-59.69-72; numa perspectiva latino-americana, ver L. BOFF, *Nova Evangelização. Perspectiva dos apíritos*, Petrópolis, Vozes, 1991; na perspectiva da Europa, ver C. FLORISTÁN, "La 'nueva evangelización'. Ambigüedades y exigencias", *SalTer* 79 (1991) 879-891 e E. ALBERICH, "¿Ante una nueva evangelización?", *Misión Joven* nº 178 (1991) 15-20; para uma ampla documentação de textos do magistério, ver CELAM, *Elementos para uma reflexão pastoral em preparação à IV Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano*, São Paulo, Loyola, s/d (1990), 141-155: "Anexo: a nova evangelização. Gênese e linhas de um projeto missionário".

<sup>3</sup> Citamos segundo "Nueva Evangelización. Antología de textos de Juan Pablo II", *Ecclesia* 6 (1992) 101-180 (aqui: 109).

O tema da NE foi retomado e ampliado por João Paulo II um ano depois, no dia 12 de outubro de 1984, em São Domingos, no discurso aos bispos da América Latina com que inaugurou os nove anos de preparação do V Centenário. Neste discurso é usada cinco vezes a expressão “nova evangelização” ou “evangelização nova”, “que continue e complete a obra dos primeiros evangelizadores”<sup>4</sup>. A partir de um olhar reflexivo sobre a evangelização do passado, “sem triunfalismos nem falsos pudores”<sup>5</sup>, o Papa elenca os principais *desafios, tentações e metas* da NE. Diante de tais desafios, “o próximo centenário da descoberta e da primeira evangelização convoca-nos, pois, para uma nova evangelização da América latina, que desfralde com mais vigor — como a das origens — um potencial de santidade, um grande impulso missionário, uma vasta criatividade catequética, uma manifestação fecunda de colegialidade e comunhão, um combate evangélico de dignificação do homem, para gerar, desde o seio da América Latina, um grande futuro de esperança”<sup>6</sup>.

Na homilia feita na Eucaristia celebrada em Salto (Uruguai), no dia 9 de maio de 1988, o Papa retoma as três características da NE indicadas no discurso de Haiti (“nova em seu ardor, nova em seus métodos, nova em sua expressão”), desenvolvendo-as mais amplamente<sup>7</sup>.

Como seu predecessor Paulo VI, também João Paulo II tem insistido no tema da evangelização desde o início do seu pontificado. No discurso de abertura da III Conferência do Episcopado Latino-Americano, em 28 de janeiro de 1979, cita mais de uma dúzia de vezes a Exortação Apostólica *Evangelii nuntiandi*, apresentando-a como “ponto de referência obrigatório” para o trabalho dos bispos. Nos discursos pronunciados durante suas viagens por todos os continentes, nas suas alocações e nos seus escritos maiores, sobretudo, na Exortação Apostólica *Christifideles laici* [CL] (1988) e na Encíclica *Redemptoris missio* [RM] (1990), João Paulo II relaciona com a NE os grandes temas teológicos e os maiores desafios com que se defronta a missão evangelizadora da Igreja nos nossos dias.

A partir de 1987, a NE é ligada com freqüência, pelo Papa, à preparação do jubileu da Encarnação a ser celebrado no ano 2000. Sem entrar na análise desses pronunciamentos feitos no contexto europeu, parece-nos importante sublinhar que o acento da NE não está na referência ao passado. Mesmo reconhecendo todos os méritos da evangelização milenar na Europa e secular na América Latina, o Papa insiste na necessidade de uma NE que abra novos caminhos para serem percorridos com novo ardor e usando novos métodos e novas expressões, mais afinados com a sensibilidade dos nossos dias. Principalmente por isto é denominada “nova” pelo Papa.

<sup>4</sup> Ver o texto integral do discurso: *ibid.*, 110-120.

<sup>5</sup> *Ibid.*, 113.

<sup>6</sup> *Ibid.*, 119.

<sup>7</sup> Ver o texto completo: *ibid.*, 121-127.

## B. Tentativas anteriores de resposta ao problema

Na realidade, o conteúdo da expressão NE não é tão novo quanto o nome poderia sugerir. A consciência dos novos desafios e as tentativas de resposta a eles explicitadas por João Paulo II já se encontram, nas mais variadas formulações, em João XXIII, em Paulo VI, nos documentos conciliares e na teologia da evangelização anterior ao Concílio. O mesmo objetivo tiveram as Conferências de Medellín (1968) e de Puebla (1979): descobrir os novos caminhos da evangelização nos novos contextos dos povos latino-americanos.

As palavras "Evangelho" e "evangelizar", e as realidades significadas por elas, não são evidentemente novas. São tão antigas quanto a Bíblia. Mas, por mais surpreendente que possa parecer aos leitores mais jovens, o uso dos termos "evangelizar" e "evangelização" no vocabulário teológico-pastoral da Igreja católica é muito recente. Não tem mais de 50 anos<sup>8</sup>. Representativo da nova teologia sobre a evangelização é o artigo de P.-A. Liégé, *Évangélisation*, publicado em 1957<sup>9</sup>. Com a introdução da nova terminologia sobre a evangelização nas décadas de 40 e 50, e com as discussões em torno do seu conteúdo e dos seus métodos, estava-se falando na realidade de uma nova evangelização. Embora não fosse usada a expressão, havia a convicção de que era necessária uma nova evangelização para responder aos novos desafios.

O programa conciliar de *aggiornamento* de João XXIII é outra demonstração da necessidade sentida pela Igreja de buscar uma nova forma de anunciar o Evangelho ao mundo contemporâneo. O papa Roncalli não foi simplesmente um homem bom que poderia ter sido um bom pároco e, não se sabe bem como, acabou sendo Papa. Escolhido para ser um Papa de transição, fez a transição da Igreja Católica para uma nova época, pondo-a em diálogo com o mundo moderno<sup>10</sup>.

A história do Concílio e do pós-concílio mostrou a enorme complexidade da tarefa. Mas, é justamente aqui onde está o núcleo do desafio de toda NE. A resposta que o Vaticano II tentou dar aos desafios do mundo moderno pode ser resumida nas respostas dadas às duas perguntas que expressam a finalidade das duas Constituições *Lumen gentium* e *Gaudium et spes*: qual é a identidade da Igreja? Qual é sua missão no mundo de hoje?

Ao ser eleito papa, o cardeal Montini escolheu o nome de Paulo, o apóstolo dos gentios, antecipando com este primeiro gesto a ênfase que daria à

<sup>8</sup> Uma demonstração da novidade da terminologia é a simples comparação do vocabulário do Concílio Vaticano I com o do Vaticano II a este respeito. Segundo A. DULLES, *America* 1992, 53, o Vaticano I usa a palavra "Evangelho" uma única vez, e os termos "evangelizar" e "evangelização" nem sequer aparecem. No Vaticano II, segundo a nossa contagem (ver D. DELHAY - M. GUERE - P. TOMBEUR, *Concilium Vaticanum II. Concordance - Index - Listes de fréquence — Tables Comparatives*. Publications du CETEDOC. Université Catholique de Louvain, 1974), o substantivo "Evangelho" aparece 157 vezes, que somadas às vezes que são usados o substantivo "evangelização", o verbo "evangelizar" e o adjetivo "evangélico", dá um resultado final de 270.

<sup>9</sup> Ver P.-A. LIÉGÉ, "Évangélisation", *Cath.* IV, 755-764.

<sup>10</sup> Para a fundamentação histórica das afirmações que se seguem, ver A. BARREIRO, "A figura carismática de João XXIII e seu programa conciliar de *aggiornamento*", *Síntese* nº 2 (1974) 21-40.

evangelização durante o seu pontificado. Paulo VI foi o primeiro papa depois de Pedro que empreendeu viagens apostólicas. Viajou a todos os continentes, começando por Jerusalém (1964). Outro sinal eloqüente de sua preocupação com a evangelização foi a mudança do nome da "Congregação para a Propagação da Fé" para "Congregação para a Evangelização dos Povos". Um terceiro e último sinal: seus funerais foram presididos pelo livro aberto dos Evangelhos.

A obra mais significativa do seu pontificado em relação direta com a evangelização foi sem dúvida o Sínodo dos Bispos de 1974, que teve como tema "*a evangelização do mundo moderno*". O resultado das discussões na aula sinodal foi recolhido por Paulo VI na Exortação Apostólica *Evangelii nuntiandi*, talvez o documento do magistério pontifício mais inspirado e de maior repercussão depois do Concílio. Nele a evangelização é apresentada como a vocação da Igreja: "Evangelizar constitui, de fato, a graça e a vocação própria da Igreja, a sua mais profunda identidade. Ela existe para evangelizar" (EN 14). A noção de evangelização de Paulo VI é mais ampla e mais inclusiva que a da teologia querigmática anterior ao Concílio (EN 22). A evangelização dirige-se não só aos indivíduos, mas às culturas (EN 20). Não se identifica com o desenvolvimento humano e com a libertação, mas está profundamente vinculada com ambas (EN 30-39).

### C. A recepção crítica da nova evangelização<sup>11</sup>

A expressão NE pode ser recebida como um mero *slogan*, como uma etiqueta nova que é simplesmente colocada sobre a velha. Seu efeito, neste caso, fica reduzido ao de um tranquilizador da consciência dos cristãos e das comunidades. Eles e elas passam a usar a nova expressão, mas sem mudar absolutamente nada no conteúdo e nos métodos da pastoral tradicional. A expressão pode também ser entendida como uma forma realmente nova de evangelizar. Neste caso, a questão está em definir em que consiste a NE, reconhecida como necessária.

Todos os responsáveis pela missão da Igreja estão de acordo, em tese, em que evangelizar é proclamar o Evangelho de Jesus: sua pessoa, sua vida, sua missão; confessar Jesus como o Cristo, Libertador, Salvador, Senhor. Todos estão de acordo igualmente, em tese, na compreensão da NE como exigência de um novo ardor, de novos métodos e de novas expressões no anúncio do Evangelho nos novos contextos socioculturais.

As diferenças surgem ao passar para a concretização dos conteúdos, dos meios e dos métodos. A compreensão da NE depende fundamentalmente da concepção da Igreja e de sua missão em face dos desafios das sociedades e culturas atuais, por um lado; e, por outro lado, da concepção da sociedade e da cultura atuais. Da diversidade destas concepções deriva a diversidade na concretização das respostas às perguntas sobre a missão evangelizadora da Igreja.

<sup>11</sup> Ver os estudos de FLORISTÁN, *SalTer* 1991, e de ALBERICH, *Misión Joven* 1991.

Uns acentuam o anúncio direto do Evangelho e a gratuidade da salvação e, ao mesmo tempo, acentuam a crítica aos aspectos apresentados como negativos das sociedades atuais. Em reação contra o mundo moderno caracterizado pelo materialismo, o hedonismo e o consumismo; pelo secularismo, o agnosticismo e a indiferença religiosa; pelo pluralismo, o individualismo e o subjetivismo, estes setores críticos defendem a necessidade de fortalecer a instituição eclesial e a criação ou recriação de uma nova sociedade de cultura cristã na qual voltariam a coincidir cultura e religião cristã. A nova cultura de matriz e inspiração cristãs seria mantida através de instituições, estruturas e normas próprias, pois, sem elas não seria possível evangelizar nem viver a fé cristã. Para a evangelização voltar a ser possível haveria que voltar a formas pré-modernas de sociedade, recuperando o peso moral e a influência que a Igreja tinha na sociedade tradicional. Justamente o oposto do projeto do Concílio Vaticano II, que buscou fazer sair a Igreja de uma posição defensiva e de *ghetto* e entabular um diálogo com o mundo moderno para que este pudesse ouvir o Evangelho e acolhê-lo.

Diante dos novos desafios postos à missão evangelizadora da Igreja pela sociedade moderna, outros setores da Igreja vêem esta sociedade de maneira mais diferenciada. Nela não há só aspectos negativos e contravalores, mas também aspectos positivos e valores evangélicos. Para evangelizar o mundo atual é necessário, portanto, auscultar e discernir os "sinais dos tempos", os sinais da presença do Reino na história. Esta concepção da NE acentua a dimensão política e social da fé, que deve ser vivida como compromisso com a transformação da sociedade na linha dos valores evangélicos. Acentua o que João Paulo II denomina o "combate evangélico de dignificação do homem" e "a nobre luta pela justiça", pela transformação das estruturas injustas para além do compromisso meramente pessoal, pois a promoção da justiça está indissolúvelmente vinculada à vida de fé. Dentro desta lógica evangélica é vista e defendida a opção da Igreja pelos pobres como destinatários privilegiados do Evangelho do Reino proclamado por Jesus.

As leituras da sociedade atual, dada sua complexidade, podem ser bastante diversas, e mesmo divergentes. Todos concordam, porém, em que são necessárias novas formas de evangelização, ou uma NE, para responder mais adequadamente aos novos desafios. Diante deles, a opção prioritária da Igreja nos nossos dias, sua tarefa mais fundamental e mais urgente é a de evangelizar. Tanto o Concílio como os papas João XXIII e Paulo VI foram muito conscientes deste desafio. Não menos o é João Paulo II.

## **II. Nas CEBs os pobres são evangelizados e evangelizam comunitariamente**

Faz quinze anos escrevemos um pequeno livro com o título *Comunidades Eclesiais de Base e Evangelização dos Pobres*<sup>12</sup>. Sem usar a expressão "nova

<sup>12</sup> A. BARREIRO, *Comunidades Eclesiais de Base e evangelização dos pobres*. São Paulo, Loyola, 1977.

evangelização”, tentávamos mostrar que nas CEBs estava acontecendo uma maneira nova de proclamar e de acolher, de viver e de testemunhar o Evangelho entre os pobres. De fato, quando o sinal por excelência da presença do Messias e do Reino que ele inaugura se manifesta na história, quando “os pobres são evangelizados” (Lc 7,22; ver também 4,18 [Is 61,1] e 6,20), a Boa Nova acolhida pelos pobres acende neles o fogo de uma esperança nova, transforma suas vidas, cria fraternidade e faz nascer comunidades novas.

Quando o Evangelho do Reino proclamado por Jesus é assim acolhido pelos prediletos do Pai como Boa Nova de libertação e de salvação, como uma Esplêndida Notícia que os enche de alegria no meio de todas as suas provações, então o mesmo Evangelho, por uma espécie de causação cumulativa, passa a ser anunciado-vivido-testemunhado por eles mesmos dentro da própria comunidade, às outras comunidades, à Igreja e à sociedade. Sem usar a expressão “nova evangelização”, o que os pobres das CEBs descobrem e experimentam ao ser evangelizados e ao evangelizar é uma realidade completamente nova nas suas vidas: tão nova e tão fascinante que por sua causa estão dispostos a correr os maiores riscos, inclusive o do martírio<sup>13</sup>.

Um mês antes do início do Concílio, na sua mensagem radiofônica de 11 de setembro de 1962, João XXIII afirmava: “A Igreja se apresenta tal como é e quer ser: a Igreja de todos e, particularmente, a Igreja dos pobres”<sup>14</sup>. Aplicada às CEBs, esta afirmação do Papa é verdadeira não só no imperativo e no optativo: o que a Igreja deve ser e quer ser. É verdadeira também como indicativo presente: ela é, de fato, particularmente a Igreja dos pobres.

“O mistério de Cristo nos pobres e a evangelização dos pobres”, “a Igreja enquanto Igreja dos pobres”, a “elaboração da doutrina evangélica sobre a eminente dignidade dos pobres como membros privilegiados da Igreja”, “a relação histórica que se verifica entre o reconhecimento da eminente dignidade dos pobres e a reforma efetiva da Igreja”, todos estes temas-*desiderata* não se tornaram, pelo menos quantitativamente, “o tema fundamental”, “o centro e alma de todo o trabalho doutrinal e legislativo” do Concílio, como pedira o cardeal Lercaro na sua célebre intervenção de 6 de dezembro de 1962, para assim “tornar a Igreja mais conforme à realidade do Evangelho e mais apta para responder aos problemas da nossa época”<sup>15</sup>. Tornaram-se, porém, o ideal e a prática, o teste de identidade evangélica, o ADN — poderíamos dizer — das práticas das CEBs.

Na história das CEBs, cujas origens são contemporâneas do acontecimento conciliar, tornaram-se igualmente realidade os votos formulados pelos bispos latino-americanos em Medellín, em 1968. Elas vieram a ser, de fato, responsá-

<sup>13</sup> A fundamentação destas afirmações é dada no estudo citado na nota anterior. Sobre o tema particular do martírio nas CEBs tal como era vivido e julgado por elas em 1986, ver o A. BARREIRO: “A Eclesialidade das CEBs. Reflexões sobre o VI Encontro Intereclesial”, *REB* 46 (1986) 631-649, esp. 640-645.

<sup>14</sup> *AAS* 54 (1962) 682.

<sup>15</sup> Ver as fontes das citações do cardeal Lercaro em BARREIRO, *Comunidades Eclesiais de Base...*, 19-20.

veis "pela riqueza e expansão da fé", "focos de evangelização" e lugares geradores "de promoção humana e de desenvolvimento"<sup>16</sup>. Foram também fiéis à "sua vocação fundamental", tal como foi descrita para elas por Paulo VI em 1975: "De ouvintes do Evangelho que Ihes é anunciado e de destinatárias privilegiadas da evangelização", tornar-se "sem tardança anunciadoras do Evangelho" (EN 58).

As CEBs são ainda — para encerrar esta lista de cumprimento de votos e de promessas — a realização da opção pelos pobres que a Igreja tem de fazer para ser fiel ao Evangelho e que, por isso mesmo, foi repetida mais de 40 vezes nos discursos pronunciados por João Paulo II durante as suas duas primeiras viagens à América Latina<sup>17</sup>.

Ao retomar, agora, o tema da evangelização dos pobres, o que queremos mostrar, na ótica do presente estudo, é o caráter inédito, por sua originalidade e por suas dimensões, da evangelização praticada nas CEBs e pelas CEBs. Dentro dos limites a que aludimos acima, as CEBs praticaram *avant la lettre* o apelo feito por João Paulo II a toda a Igreja a América Latina por ocasião da celebração dos 500 anos da chegada dos primeiros evangelizadores: o compromisso com "uma evangelização nova. Nova em seu ardor, em seus métodos, em sua expressão"

Creemos que a novidade assim caracterizada pelo Papa aparecerá claramente nos testemunhos que serão apresentados nas duas seções seguintes. Por enquanto, limitamo-nos a insistir, mais uma vez, na novidade fundamental e permanente da evangelização dos pobres nas CEBs. É desta raiz de onde brotam, como que naturalmente, as novas maneiras de evangelizar. Elas não são mais do que manifestações concretas da novidade e da fecundidade inesgotáveis do Evangelho quando ele é levado a sério.

Estas manifestações são inumeráveis. A seguir explicitaremos algumas. Aqui, queremos destacar o que constitui a grande novidade da evangelização praticada nas CEBs com relação à evangelização tradicional da Igreja Católica nos últimos séculos: os pobres não são simplesmente objeto da evangelização. Acolhido o Evangelho, eles mesmos passam a evangelizar, sem mais armas que as do Evangelho da libertação de Deus. O Evangelho só pode ser acolhido livremente. Na medida, porém, em que os pobres vão realizando libertações parciais, através delas libertam, paradoxalmente, os que os oprimiam com as injustiças praticadas contra eles. Com efeito, essas injustiças das quais se libertam não são mais praticadas<sup>18</sup>.

Usaremos o mesmo método usado pelas próprias CEBs: refletir sobre os fatos à luz do Evangelho, por sua vez ouvido e obedecido na comunidade eclesial. A opção por este método é uma das razões pelas quais o nosso estudo

<sup>16</sup> Documento sobre a Pastoral de Conjunto, nº 10.

<sup>17</sup> Ver A. BARREIRO, *Os Pobres e o Reino: Do Evangelho a João Paulo II*, São Paulo, Loyola, 1983.

<sup>18</sup> Em A. BARREIRO, *Comunidades Eclesiais de Base...*, 67-93, apresentamos alguns exemplos concretos de libertações dos pobres que acabam libertando os opressores de algumas formas de injustiça.

será tanto *teologia narrativa* (que é a praticada pelas CEBs) como teologia sistemática. Quando nos aproximamos das CEBs, de sua criatividade e de suas práticas, com um coração e com uma mente desarmados e receptivos, essas práticas criativas tomam-se o antídoto mais eficaz contra todas as formas de dogmatismo.

### III. Igreja da Palavra

Um dos traços mais característicos das CEBs é o lugar que nelas ocupa a Palavra de Deus. Elas são *Ecclesia Verbi*, "Igreja da Palavra", fundacionalmente e fundamentalmente<sup>19</sup>.

Da grande maioria das CEBs pode-se afirmar que são Igreja da Palavra *fundacionalmente* porque nasceram como pequenos grupos reunidos em torno da Palavra de Deus e cresceram e se fortaleceram como "ouvintes da Palavra". A primeira frase da Constituição Dogmática sobre a Revelação do Vaticano II: *Dei verbum religiose audiens...*, "ouvindo religiosamente a Palavra de Deus...", que é aplicada à Igreja reunida em Concílio, pode ser aplicada também com toda verdade às CEBs. A Palavra de Deus, "ouvida religiosamente", é a força que as liga e re-liga como comunidades. "É a Palavra de Deus que nos reúne em comunidade", lemos, por exemplo, no relatório de Chapecó, enviado para o IV Encontro Intereclesial.

A Bíblia, criação ela mesma de comunidades que acolheram a Palavra de Deus, tanto no Antigo como no Novo Testamento, continua sendo hoje nas CEBs o que foi desde sua origem: criadora de comunidade<sup>20</sup>. Esta é uma das suas características que mais impressionam, não só o observador externo, mas também os próprios membros das CEBs.

Mesmo nos casos em que não tenham surgido diretamente de grupos reunidos em torno da Palavra de Deus, de círculos bíblicos, por exemplo, todas as CEBs são *fundamentalmente* Igreja da Palavra, porque a Palavra de Deus fundamenta toda sua existência e todas as suas práticas comunitárias, é o vínculo fundamental da união de cada um dos pequenos grupos de base, de cada uma das pequenas comunidades e das CEBs entre si. A afirmação de que as CEBs são originalmente ou fundacionalmente Igreja da palavra, isto é, congregadas, re-unidas, feitas Povo de Deus pela Palavra de Deus, é conjugada em todas as vozes, modos, tempos e pessoas pelos membros das CEBs.

Como já mencionamos, o primeiro passo para o nascimento de muitas CEBs foi a reunião de círculos bíblicos. "Reunindo grupos de oito ou dez pes-

<sup>19</sup> Retomamos aqui o tema já tratado em outros estudos. Ver especialmente A. BARREIRO, "Eclesialidade e consciência eclesial das CEBs", *PT* 14 (1982) 301-324; ID., *REB* 1986, 631-649.

<sup>20</sup> Sobre a Bíblia como criação da comunidade e criadora de comunidade, ver os breves mas preciosos estudos de G. RUIZ, "La Biblia, un libro del pueblo para el pueblo", *SalTer* 65 (1977) 83-92; ID., "La Biblia, creadora de comunidad", *SalTer* 67 (1979) 243-253; C. MESTERS, *Bíblia, livro feito em mutirão*, São Paulo, Paulinas, 1982.

soas procurava-se pela leitura da Bíblia levar o pessoal a olhar para a sua vida com a orientação e a luz evangélicas. E na medida do possível, encaminhar a todos para uma atividade comunitária" (EV2, 472)<sup>21</sup>. "Os círculos bíblicos foram a 'porta de entrada' mais simples para se atingir o povo (...). Nos círculos bíblicos todos têm oportunidade de participar, dando a sua opinião" (EJP, 313). "A comunidade começou sua caminhada através dos círculos bíblicos" (ESP, 231). A importância dos círculos bíblicos na origem das CEBs da arquidiocese de Vitória é sublinhada pelo bispo que acompanhou sua gênese e seu crescimento. Eles foram introduzidos para reabastecer a vida eclesial da Igreja local, "atendendo ao apelo do Concílio de uma volta à Palavra de Deus". O bispo vê nesse fato "a raiz mais próxima e mais vigorosa da gestação das CEBs", "uma redescoberta, ao mesmo tempo piedosa e revolucionária, do Evangelho vivo e do Cristo ressuscitado". "Não se tratava de fundar uma Igreja nova, mas de buscar 'uma nova maneira de ser Igreja'"<sup>22</sup>.

Sem referir-se especificamente aos círculos bíblicos, são inúmeros os testemunhos que descrevem a Palavra de Deus como a força criadora e dinamizadora da comunidade. "A Palavra de Deus foi sempre o ponto de partida" (ESP, 166). "A Palavra de Deus é a fonte de tudo o que anima e existe na comunidade" (EJP, 286). "O início é sempre a partir do Evangelho" (EC, 376). "Em qualquer lugar a luta nasce da Palavra de Deus"<sup>23</sup>. "Temos encontro de oração, círculo bíblico, daí sai toda a ação" (EC, 364).

Um dos bispos brasileiros mais identificados com as CEBs, com as quais trabalha com a ténpera dos sertanejos no meio dos quais vive faz mais de 25 anos, descreve o processo do nascimento das CEBs na diocese com estas palavras: "As pequenas comunidades eclesiais de base não nasceram, primeiro, da orientação e das diretrizes do bispo diocesano, nem da orientação e das diretrizes dos párocos, mas dos núcleos de cristãos das comunidades naturais que se reuniam para ler, meditar e rezar a Palavra de Deus, para iluminar com a Palavra a realidade em que viviam, para celebrar sua vida e sua fé. A partir daí, a luz foi-se fazendo sobre sua co-responsabilidade de Igreja"<sup>24</sup>.

<sup>21</sup> Citamos os relatórios das CEBs tomando de empréstimo as siglas usadas por F. L. C. TEIXEIRA, *A Fé na vida*. Um estudo teológico-pastoral sobre a experiência das Comunidades Eclesiais de Base no Brasil, São Paulo, Loyola, 1987. Este estudo é uma verdadeira mina de documentação sobre os relatórios preparados pelas CEBs para os cinco primeiros Encontros Intereclesiais. Dele tiramos a maior parte dos depoimentos citados no nosso trabalho. Siglas: EV1 = I Encontro Intereclesial de CEBs - Vitória (ES), 6-8 de janeiro de 1975, em *Uma Igreja que nasce do povo*, Petrópolis, Vozes, 1975; EV2 = II Encontro Intereclesial de CEBs — Vitória (ES), 29-31 de julho e 1º de agosto de 1976, SEDOC 9 (1976/77) 453-576; EJP = III Encontro Intereclesial de CEBs — João Pessoa (PB), 19-23 de julho de 1978, SEDOC 11 (1978/79) 262-448; ESP = IV Encontro Intereclesial de CEBs — Itaipú (SP), 20-24 de abril de 1981, SEDOC 14 (1981/82) 136-140 e 165-255; EC = V Encontro Intereclesial de CEBs — Canindé (CE), 4-8 de julho de 1983, SEDOC 16 (1983/84) 603-640.

<sup>22</sup> Ver L. G. FERNANDES, "Comunidades eclesiais de base e pastoral de conjunto", em F. de OLIVEIRA e outros, *Pastoral urbana*, São Paulo, Paulinas, 1980, 72-73.

<sup>23</sup> Citado por TEIXEIRA, *A fé na vida*, 160, nota 92.

<sup>24</sup> A. B. FRAGOSO, *O rosto de uma Igreja*, São Paulo, Loyola, 1982, 62.

Outro dos bispos pioneiros e com mais experiência no trabalho com as CEBs expressa o papel da Palavra de Deus nelas nestes termos: "A descoberta da Palavra de Deus é o acontecimento mais forte em toda a vida das CEBs. É uma experiência fundamental, geradora de muita luz e compreensão, de muita força e consolação, de muita ação e alegria. É a grande riqueza do novo povo de Deus"<sup>25</sup>.

Com palavras comuns, mas densas de sentido porque traduzem uma experiência vivida, ou com metáforas ousadas, mas isentas de qualquer vislumbre de retórica, os próprios membros das CEBs expressam, nos seus depoimentos espontâneos ou nos relatórios enviados para os Encontros Intereclesiais, a mesma convicção expressa pelos bispos. "Na Palavra de Deus encontramos vida, força, ânimo, confiança e renovação da fé" (ESP, 234). "A Palavra de Deus nos ilumina, nos santifica, nos une, nos liberta, nos promove" (EV1, 106). "O Evangelho é o ponto central de união e reunião, onde são desenvolvidos o amor, a compreensão e a fraternidade" (EC, 377). "O Evangelho é a nossa casa de conforto, a gente encontra nele tudo o que precisa, até seus direitos proclamados por Deus, como o direito à terra que Deus criou para todos" (EV2, 516). "Com o Evangelho na mão, os pobres descobriram seu título e seu direito" (EV2, 503). "Eu me sentia, antes de ler a Bíblia, um homem mui infeliz. Mas depois fui descobrindo o valor que tem o pobre para Deus"<sup>26</sup>.

Os testemunhos poderiam ser multiplicados sem fim. Encerramos com um em cuja concisão e densidade estão contidos todos os outros: "Sem a Palavra de Deus não vivemos"<sup>27</sup>. Síntese perfeita da experiência de fé do povo que forma as CEBs. Ao lê-la, vem-nos espontaneamente à memória por analogia a célebre profissão de fé dos mártires de Abilene. Surpreendidos pela polícia ao voltar de celebrar o culto eucarístico na casa do leitor Emérito e acusados de traição ao Imperador Diocleciano, o presbítero Saturnino respondeu durante o interrogatório ao Procônsul Anulino: *Sine dominico esse non possumus*, não podemos existir, não podemos viver sem celebrar os mistérios do Senhor. Eles são mais importantes para nós do que a vida<sup>28</sup>. As duas formulações referem-se às "duas mesas", respectivamente à mesa da Palavra e à Mesa da Eucaristia, a partir das quais existe e vive a Igreja.

Para perceber a novidade trazida pelas CEBs basta comparar esta nova consciência de ser Igreja, nascida da escuta comunitária da Palavra de Deus, com a consciência eclesial comum entre os católicos. Nos países de tradição católica a fé era recebida por tradição. O católico médio sentia-se responsável, na melhor das hipóteses, por conservá-la, mas não por comunicá-la aos outros.

<sup>25</sup> L. G. FERNANDES, *Como se faz uma comunidade eclesial de base*, Petrópolis, Vozes, 1984, 18.

<sup>26</sup> N. S. de FREITAS, *Sementes de um mundo novo*, Petrópolis, Vozes, 1982, 42.

<sup>27</sup> Relatório da comunidade da paróquia Cristo Ressuscitado, Joinville (SC), para o o IV Encontro Intereclesial.

<sup>28</sup> Ver T. RUINART, *Acta primorum martyrum sincera*, Paris, 1689, 414; PL 8, 689s. Os 48 mártires, homens, mulheres e crianças, entre eles os quatro filhos do presbítero Saturnino, defenderam a fé na tortura e morreram de fome na prisão, no ano 304.

Durante a época moderna, nos países de tradição católica, a Igreja esteve orientada, sobretudo, para o cuidado pastoral dos seus próprios membros. A evangelização não estava no centro das preocupações do católico médio. Era vista como um assunto secundário que dizia respeito só aos missionários. Quando muito, os católicos colaboravam com alguma ajuda econômica no mês das missões.

Os pontos fortes da Igreja Católica têm sido o institucional e o sacramental. A ênfase era posta mais na doutrina, na autoridade da Igreja e na obediência à Igreja, do que diretamente no conteúdo e na autoridade do Evangelho e na obediência ao Evangelho. A acentuação destes últimos pontos era vista até com uma certa desconfiança, tinha um certo som e um certo cheiro protestantes.

Basta comparar o "novo jeito de ser Igreja" das CEBs, reunidas em torno da Palavra de Deus, e a eficácia dessa Palavra para converter as pessoas e transformar as relações entre elas na pequena comunidade, na Igreja local e na sociedade, com a consciência e a prática eclesiais tradicionais, para ver que o que está acontecendo nas CEBs é uma nova evangelização: "Nova em seu ardor, nova em seus métodos, nova em sua expressão". Um povo que guardou silêncio na *Ekklesia* durante séculos, ou que se expressava só ritualmente, a partir do momento em que começou a *ouvir* a Palavra de Deus, tomou a palavra, começou a falar. Com a força da Palavra de Deus, começou a dizer, sem medo, quais devem ser os caminhos seguidos para *obedecer* a essa Palavra. E começou a percorrê-los com a consciência recém-estreada de ser Povo de Deus.

Milhões de cristãos pobres que não tinham acesso direto à Palavra de Deus, agora são, pessoal e comunitariamente, alimentados diariamente por ela. "O caminho foi descoberto no Evangelho, mas ele vivia engavetado. Eu só fui saber o que é religião mesmo aos 28 anos de idade"<sup>29</sup>. O acesso à Palavra de Deus é descrito num dos relatórios com uma expressiva imagem popular: "A comunidade é que nem balcão para quem não sabe ler. Lá a gente aprende a falar de tudo" (ESP, 173). A Palavra de Deus faz com que os pobres recuperem o dom da palavra. Os que haviam permanecido mudos, guardando dentro de si os seus sentimentos, ou partilhando-os só com Deus no silêncio da oração individual, passam agora a partilhar, na comunidade, o que pensam e o que sentem. "As alegrias e as tristezas, as angústias e as esperanças" (GS 1) que mexem seus corações passam a ser ditas em voz alta, ecoam na *ekklesia* na forma de ação de graças e de compromisso com o projeto de Deus recém-descoberto; criam laços de fraternidade, edificam a comunidade e abrem caminhos para a encarnação da Palavra libertadora de Deus na história.

A Palavra de Deus é a propriedade mais preciosa dos pobres. Cada um deles poderia repetir com a mesma autenticidade do Salmista, em cada um dos diversos momentos de sua caminhada, os versículos do Salmo 119. Os pobres das CEBs vivem este processo de apropriação, caracterizado por G. Gutiérrez

<sup>29</sup> Testemunho recolhido por P. de A. RIBEIRO DE OLIVEIRA, "A consolidação das CEBs", *SEDOC* 16 (1983/84) 310-315 (aqui: 314).

como "apropriação social do Evangelho pelos pobres"<sup>30</sup>, como uma experiência que suscita neles a alegria e a ação de graças, mas, ao mesmo tempo, com a consciência de que é um dom que tem que ser doado aos outros, de uma graça que tem que ser comunicada, e nunca com o sentimento de posse egoísta.

"O Evangelho é força de Deus para a salvação de todo aquele que crê" (Rm 1,16). Mais uma vez estas palavras de Paulo verificam-se como verdadeiras, nas formas mais variadas, nas dezenas de milhares de CEBs espalhadas por todo o Brasil. Com a força do Evangelho de Jesus, do projeto libertador e salvador de Deus, recebido, carregado e testemunhado paulinamente, isto é, na pobreza e fragilidade dos meios, as CEBs, de comunidades evangelizadas, passam a ser comunidades evangelizadoras.

#### **IV. Relação fé-vida**

A articulação da fé com a vida pode ser formulada e desenvolvida a partir de vários binômios. O binômio fé-justiça, por exemplo, expressa que a acolhida do Evangelho do Reino na fé é inseparável da luta pela justiça do Reino. Outros binômios possíveis: *Abba-Reino*, Evangelho-história, comunhão com Deus-comunhão com os homens, Igreja-mundo, mística-política etc. Qualquer que seja a formulação escolhida, o importante é que seja mantida a relação dialética entre os dois termos, que um enriqueça e dinamize o outro, sem cair em nenhum dos dois extremos opostos e igualmente nefastos: seja no verticalismo espiritualista, que acaba esquecendo que Deus salva sempre na história; seja no horizontalismo imanentista, que acaba esquecendo, se não negando, que a salvação é dom de Deus e que, portanto, não pode ser "conquistada" com o próprio esforço nem com os próprios méritos, mas que tem de ser acolhida como graça. A nosso ver, a missão evangelizadora da Igreja, nos nossos dias, emperra, sobretudo, porque, dependendo dos contextos e das mentalidades, do comodismo ou da moda, acentua unilateralmente um dos extremos e esquece o outro.

Não obstante as acusações que lhes são feitas, a imensa maioria das CEBs estão vivendo de maneira nova, no duplo sentido de inédita e de criativa, a fecunda tensão entre fé e vida. Sobretudo neste capítulo, elas são lugar e modelo de uma NE. Nelas são realidade viva e operante os três momentos essenciais da evangelização: 1) a *acolhida da mensagem* e a *conversão* ao Evangelho, na linha de Mc 1,15: "Convertet-se e crede no Evangelho"; 2) o *testemunho*, na linha de At 1,8: "Sereis minhas testemunhas até os confins da terra"; 3) a *missão*, na linha de Mt 28,19: "Ide e fazei que todas as nações se tornem discípulos". As práticas comunitárias das CEBs, tanto no interior das pequenas comunidades como entre elas, mostram como estas dimensões essenciais da evangelização são inseparáveis. Se falhar uma delas, a evangelização também falha.

A *palavra* do Evangelho, acolhida na fé, aprofundada e interiorizada na oração pessoal e comunitária, leva ao *testemunho* e à *ação*. A ação, por sua vez,

<sup>30</sup> G. GUTIÉRREZ, "Práxis de libertação. Teologia e anúncio", *Conc(Br)* nº 96 (1974) 735-752 (aqui: 751).

tem sua fonte na Palavra de Deus e é sustentada por ela no meio dos obstáculos de todo tipo. Na compreensão das CEBs não há compartimentos estanques entre a mensagem e o testemunho, entre a oração e o compromisso, entre a *Ecclesia cum/coram Deo* e a *Ecclesia cum/coram hominibus*. Quando o Evangelho é acolhido como o anúncio do dom absolutamente gratuito do amor de Deus, os que o acolhem sabem que ele opera ao mesmo tempo a comunhão dos homens com Deus e dos homens entre si. Não, porém, sem resistências, incompreensões e perseguições.

A raiz da integração entre fé e vida está na acolhida, por parte das CEBs, do Evangelho do Reino, do Projeto do Pai, que quer que a fraternidade e a justiça reinem entre os homens.

Também os pobres têm de praticar a segunda parte das palavras de Jesus que, segundo Marcos, resumem o Evangelho do Reino proclamado por Jesus: "Converti-vos e crede no Evangelho" (1,15). Também para os pobres a conversão é difícil, mas é libertadora. Eles próprios o expressam com imagens tiradas da cultura popular.

O Evangelho "é como o vento que mexe com a cabeça de todo o mundo" (EV2, 516). O Evangelho "pisa nos calos da gente"<sup>31</sup>. Estes depoimentos mostram que para os participantes das CEBs não pode haver conversão pela metade. Ela atinge a pessoa toda, da cabeça aos pés. Assim como atinge todas as dimensões da vida. Também desta dimensão social da conversão estão muito conscientes os membros das CEBs: O Evangelho "leva a fazer uma crítica da vida e a mudar"<sup>32</sup>. "Refletir sobre os mandamentos de Deus nos leva a entrar em ação, pois mexem com as nossas vidas" (ESP, 169). Justamente porque o Evangelho "mexe com a vida", há pessoas que têm medo de participar nos grupos de reflexão sobre o Evangelho: "Uma pessoa me disse que tem medo de pegar a Bíblia na mão porque aí tinha de se comprometer nas lutas"<sup>33</sup>. "Um dia fui conversar com o seu Antônio que largou o grupo de Evangelho e perguntei por que tinha largado. Ele disse: 'Porque tem umas pessoas querendo mexer com a vida dos outros'<sup>34</sup>. Ao mesmo tempo, a conversão ao Evangelho dá luz, força e coragem: "A Palavra de Deus mexe com a vida do povo, clareia o rumo da luta e anima" (ESP, 250); "A conscientização pelo Evangelho gera um compromisso de ação e transformação social sendo a base para motivar e dar coragem" (EC, 377); "Nós, iluminados pela Palavra e projeto de Jesus, encontramos força e clareza de que a nossa luta contra as injustiças é uma luta justa que tem em vista o Reino de Deus entre os homens" (EC, 637).

Reunidas em comunidade pelo Evangelho, as CEBs evangelizam levando adiante "o processo de Jesus", dando testemunho dele diante dos poderes "deste mundo" como o próprio Jesus o fez diante de Pilatos. No "processo"

<sup>31</sup> Depoimento recolhido por P. A. RIBEIRO DE OLIVEIRA, "O povo nas CEBs da Arquidiocese de Vitória", *REB* 43 (1983) 93-102 (aqui: 101).

<sup>32</sup> "Os estudos bíblicos de um lavrador", 81; citado por TEIXEIRA, *Fé na vida*, 160.

<sup>33</sup> RIBEIRO DE OLIVEIRA, *REB* 1983, 101.

<sup>34</sup> Citado por TEIXEIRA, *Fé na vida*, 160.

instaurado contra Jesus pelo "mundo", os seus discípulos são defendidos e fortalecidos pelo Espírito, que é seu advogado (ver Jo 16,8). É um processo público, que transcorre no âmbito político e social, e não só no foro interno. O Espírito que fez Jesus proclamar as bem-aventuranças na montanha e a libertação dos pobres na sinagoga de Nazaré não pode ser privatizado; continua, através dos discípulos de Jesus, a proclamar a liberdade, a justiça e a paz.

Os próprios participantes das CEBs têm uma consciência muito clara da vinculação da Palavra de Deus com a vida, e são os primeiros a admirar-se da sua novidade e da sua importância. Um grupo de trabalhadores de Mandacaru expressa assim sua admiração: "É tão profundo que a gente não sabe dizer. Porque tudo que se lê na Bíblia tem relação com o sofrimento do trabalhador" (ESP, 248). Os depoimentos repetem, nos mais variados ritmos e tons, a mesma toada. "Não há vida sem ser ligada à Palavra de Deus" (ESP, 247). "É importante ligar sempre a Palavra de Deus com a vida da gente, com os problemas da vida"<sup>35</sup>. "A gente procura sempre juntar o Evangelho com a vida porque não adianta celebrar só o culto sem fazer esta ligação" (ESP, 171). "É bom que se reze o Pai-Nosso, mas é preciso refletir sobre o que se reza e então a gente unirá a oração com a prática da vida" (ESP, 237). "Nós que celebramos a Palavra de Deus entendemos que a gente tem que ligar com a nossa vida" (ESP, 176). "Para nós o importante é andar com os dois pés: o Evangelho e a realidade" (EV2, 517). "Os círculos bíblicos estão ajudando muitas comunidades a descobrir na Bíblia a sua vida e o sentido da luta pela transformação da sociedade" (EJP, 431). "Nós, como cristãos, temos a obrigação de participar nesses locais de luta dos trabalhadores porque a nossa fé deve ser ligada com a nossa vida" (ESP, 201).

Como mostram as datas dos testemunhos, a vinculação entre a Palavra de Deus (que é enfatizada como primeira no tempo) e a vida, é feita desde o início das comunidades. "As comunidades nasceram porque nós tínhamos fome da Palavra de Deus. Mas logo vimos que atrás dela vinha a libertação"<sup>36</sup>. "A Palavra de Deus é que faz a união. Ela está acima de tudo. A libertação de Cristo é a mesma que nós queremos" (ESP, 252).

A vinculação da fé com a vida é buscada e expressa em todas as dimensões e práticas das CEBs: círculos bíblicos, grupos de evangelização, orações e celebrações comunitárias. No dinamismo transformador desta relação entre Palavra de Deus e história, entre oração e práxis de libertação, entre fé e vida enfim, está talvez a maior novidade trazida pelas CEBs para a consciência eclesial. O manancial que lhes dá força e alegria, que sustenta e dinamiza as CEBs, é a Palavra de Deus e a experiência de Deus. É nesta fonte onde as CEBs desalteram incessantemente sua sede de justiça, de solidariedade e de comunhão. Quanto mais bebem, mais se tornam o que já são: comunidades da Palavra, comunidades eclesiais.

<sup>35</sup> Citado por TEIXEIRA, *Fé na vida*.

<sup>36</sup> Depoimento de um participante do IV Encontro, segundo L. Boff, citado por TEIXEIRA, *Fé na vida*, 101.

Provavelmente é esta característica das CEBs a que causa mais alegria e confiança nos seus pastores. Assim se expressou um dos bispos que participou do V Encontro Intereclesial: "A cada passo do Encontro, pudemos verificar que a Palavra de Deus é o ponto fundamental de referência das CEBs. É à luz da Palavra de Deus e guiados pelo Espírito Santo que procuram ver e interpretar os acontecimentos"<sup>37</sup>.

Na mesma linha se expressa o documento *Comunidades eclesiais de base na Igreja do Brasil* elaborado pela CNBB: As CEBs "reconhecem serem convocadas e alimentadas pela Palavra, sobre a qual refletem sob a ação do Espírito em vista à conversão pessoal e social"<sup>38</sup>. Sem usar literalmente as palavras, o documento da CNBB vê as CEBs, e particularmente a vinculação entre fé e vida praticada por elas, como modelo inspirador de uma nova evangelização, de uma evangelização libertadora, para todas as outras comunidades eclesiais do país: "O fundamento das CEBs se dirige como ideal a todos os cristãos. Todos são chamados a viver intensamente a comunhão fraterna e a integração entre fé e história a partir da realidade e da vida concreta. Neste sentido, a pastoral das CEBs interpela evangelicamente a pastoral paroquial tradicional"<sup>39</sup>. O mesmo documento revela mais adiante, dirigindo-se "mais diretamente aos animadores e agentes de pastoral das comunidades" a confiança dos pastores nessa integração entre fé e vida, vista quase como conatural nas CEBs: "O povo mesmo das comunidades nem conseguiria separar Deus e a salvação em Jesus Cristo de toda a sua luta e caminhada"<sup>40</sup>.

O rechaço do dualismo entre Igreja e mundo, entre vinda do Reino e compromisso histórico, entre culto e ética, entre existência cristã e futuro humano, entre fé e vida enfim, foi um dos pontos em que mais insistiu a Constituição Pastoral *Gaudium et spes*. Esse rechaço chegou a ser visto como o núcleo dinâmico, a alma que anima todo o documento. De fato, o Vaticano II denuncia vigorosamente e rejeita decididamente toda e qualquer forma de dualismo, teórico ou prático, consciente ou inconsciente, por ser "inaceitável para o pensamento e nefasto para a ação"<sup>41</sup>, por ser "não só uma torpeza de conduta, mas um 'erro'"<sup>42</sup>.

O texto da *Gaudium et spes* mais amplo, mais desenvolvido teologicamente e no qual se encontram as expressões mais contundentes contra o dualismo é, sem dúvida, o primeiro parágrafo do nº 43. Em primeiro lugar, são descritas as duas formas contrárias de dualismo: "Afastam-se da verdade" os que pen-

<sup>37</sup> SEDOC 16 (1983/84) 317.

<sup>38</sup> CNBB, *Comunidades eclesiais de base na Igreja do Brasil* (Documentos da CNBB, 25), São Paulo, Paulinas, 1982, nº 32.

<sup>39</sup> *Ibid.*, 51.

<sup>40</sup> *Ibid.*, 68.

<sup>41</sup> M.-D. CHENU, "Misión de la Iglesia en el mundo contemporáneo", G. BARAÚNA, *La Iglesia en el mundo de hoy*, Estudios y comentarios a la Constitución "Gaudium et spes" del Concilio Vaticano II, Madrid, 1967, 379-399 (386).

<sup>42</sup> *Ibid.*, 389.

sam poder negligenciar os deveres e tarefas terrestres em nome da fé e da esperança cristã. "Não erram menos — continua o Concílio — os que, pelo contrário", praticam a "imersão nas atividades terrestres como se elas fossem totalmente alheias à vida religiosa, julgando que esta consiste somente nos atos de culto e no cumprimento de alguns deveres morais". "Este divórcio (*discidium illud*) entre a profissão de fé e a vida cotidiana" é considerado pelo Concílio como "um dos erros mais graves dos nossos dias". A seguir, recorrendo ao texto bíblico, o Concílio verbera com expressões duríssimas o dualismo que acaba de descrever: "Escândalo denunciado com veemência pelos profetas do Antigo Testamento" e "ameaçado com *graves penas* pelo próprio Jesus". E continua o texto conciliar: "O cristão que negligencia seus deveres temporais, está negligenciando o próximo; mais ainda, negligencia o próprio Deus e põe em perigo a própria salvação". Se o Concílio condena com tanto vigor e insistência o dualismo entre fé e vida é porque tem consciência de que seus efeitos acabam por destruir a fé nos próprios cristãos e a credibilidade da fé diante dos não-cristãos<sup>43</sup>.

A superação do dualismo entre oração e compromisso é um dos frutos mais belos e mais promissores das CEBs. Poderia ser elencada uma lista interminável de testemunhos sobre este tema. Limitamo-nos a transcrever alguns tirados de uma pesquisa feita numa dúzia de CEBs da Arquidiocese de Vitória (ES)<sup>44</sup>. "Eu pratico a reza. Tudo o que acontece é motivo para rezar." "Oração é tudo que é coisa de Deus." "Oração é na prática." "Rezar não é só rezar ao levantar, ao dormir e nas refeições; vai muito além: é transmitir a vida para outras pessoas no dia-a-dia. Falar com o companheiro pra dividir a marmita com quem não tem almoço é rezar." "Discutindo os problemas, rezamos duas vezes: pra melhoria do corpo e pra melhoria da alma." "Eu rezo quando tô na Igreja, e quando tô denunciando as injustiças e o salário baixo, porque aí não rezo para mim, mas rezo para outros." "Desde o momento que fala de Deus e da vida da gente, reunião do Círculo Bíblico é oração." "Quando o povo consegue uma vitória, é aí que ele chega no auge da reza."

Estes testemunhos mostram que o conhecido texto "A Igreja que a gente quer", elaborado pela Arquidiocese de Vitória em 1975, não ficou só no papel. Nele insistia-se na união entre a fé e a vida, em que o amor e o louvor a Deus não devem ser expressados só no culto, mas na vida de cada dia, pois só assim são agradáveis a Deus. "De nada adianta muita reza se os cristãos não assumem as dificuldades da vida do povo, como Jesus fez"<sup>45</sup>. "Assim como a planta se alimenta de água e sol, a Igreja se alimenta de Fé e Vida. As duas coisas

<sup>43</sup> Não foi por acaso que as duas mencionadas formas de dualismo já haviam sido desmascaradas pela GS 19-21, dedicados ao fenômeno do ateísmo moderno. Afirmações semelhantes são repetidas pela Constituição Pastoral nos mais variados contextos (ver, por exemplo, 34,3; 36,2; 39; 57,1-2; 72,2; 88,1).

<sup>44</sup> Todos os testemunhos do parágrafo estão tirados de RIBEIRO DE OLIVEIRA, *REB* 1983, 97.

<sup>45</sup> *CEI*, Documento 63, junho de 1975, nº 16.

devem estar bem juntas no povo. O povo deve olhar os fatos da vida com os olhos da fé. Ao mesmo tempo, deve celebrar na sua fé os fatos da vida"<sup>46</sup>.

Na mesma linha do Concílio expressa-se a Conferência de Puebla, ao ver na luta pela promoção da justiça e da dignidade humana parte essencial do conteúdo da missão evangelizadora da Igreja. Inclusive a atividade política, entendida como busca do bem comum da sociedade, é lugar e meio de evangelização. "O cristianismo deve evangelizar a totalidade da existência humana, inclusive a dimensão política. Por isso ela [a Igreja] critica aqueles que tendem a reduzir o espaço da fé à vida pessoal ou familiar, excluindo a ordem profissional, econômica, social e política, como se o pecado, o amor, a oração e o perdão não tivessem importância al"<sup>47</sup>.

Estas afirmações podem soar um tanto (ou um muito) estranhas aos ouvidos de muitos cristãos. Mas, elas pertencem ao depósito mais antigo e mais genuíno da tradição católica. Usando a expressão de H. de Lubac, são a explicitação dos "aspectos sociais do dogma católico"<sup>48</sup>. O apreço da atividade política, entendida como serviço ao bem comum, é já um *tópos* do magistério social da Igreja ao longo dos últimos cem anos. Tornou-se célebre a afirmação de Pio XI, na alocução de 18 de dezembro de 1927 à F.U.C.I., na qual não só se refere à atividade política como "caridade política", mas afirma que esta é a forma mais elevada de amor aos homens, porque através dela se pode fazer o bem a um número muito maior de pessoas, que são, muitas vezes, justamente as mais desprotegidas. O princípio subjacente à afirmação de Pio XI havia sido formulado por Santo Inácio, como um dos critérios de discernimento das opções pastorais, nestes termos: "O bem, quanto mais universal, mais divino".

Através das mais variadas práticas da integração entre fé e vida, das suas lutas contra as injustiças locais e estruturais, da defesa e da promoção dos próprios direitos e dos direitos dos outros: os posseiros, os migrantes, os desempregados, as minorias etc., as CEBs superam o divórcio entre fé e vida, denunciado pelo Vaticano II como um dos "erros mais graves do nosso tempo".

Sem recorrer a muitas distinções, mas usando uma lógica em princípio irrefutável e uma linguagem simples e direta, as CEBs são conscientes da necessidade de evangelizar a política. Pelas simples razão de que "se o Evangelho não entra na política, não entra na vida" (EJP, 382). Para as CEBs esta afirmação é evidente, porque "no seu verdadeiro sentido, política é a arte de trabalhar pela comunidade, pelo bem de todos" (EJP, 386); "política é cuidar dos bens comuns (comida, saúde, moradia, roupas, terra...)" (ESP, 235); a política é valorizada "como instrumento de justiça" (ESP, 254); "está presente em tudo e envolve toda nossa vida" (EJP, 386). "Se a gente quer uma sociedade melhor, um mundo novo, não basta ficar falando que queremos viver como irmãos e

<sup>46</sup> *Ibid.*, nº 17.

<sup>47</sup> *Puebla*, 515; ver 507-562; espec. o item "Evangelização e política", 513-520.

<sup>48</sup> A expressão é o subtítulo do livro de H. DE LUBAC, *Catholicisme. Les aspects sociaux du dogme*, Paris, Cerf, 1947.

construir um mundo fraterno. É preciso lutar, esforçar-se para mudar a organização errada da sociedade, tirar o pecado do mundo. E isso só se consegue através de uma ação política" (EJP, 386)<sup>49</sup>.

A grande novidade, a grande riqueza que os pobres das CEBs estão trazendo para a Igreja é a nova maneira de ser evangelizados e de evangelizar a partir de um novo olhar sobre a realidade à luz da Palavra de Deus, desde a fé e desde a esperança que se traduzem em "caridade política" (Pio XI). Esta nova maneira de ouvir a Palavra de Deus traz consigo resistências, oposições e riscos. Mas não é aqui onde está a novidade. Isto aconteceu sempre que foram buscadas, descobertas e percorridas novas trilhas de evangelização.

Chegados a este ponto, convém voltar mais uma vez às origens desta consciência política das CEBs. Como tudo nelas, ela é o resultado de um longo processo de conscientização que ou começou com a Palavra de Deus ou foi iluminado pela Palavra de Deus a partir de um determinado momento da caminhada. O processo de conscientização política é muito diferenciado nas CEBs. É sempre lento, mas progressivo, "faz-se através de avanços e recuos" (EV1, 223).

Na medida em que, à luz da Palavra de Deus, os membros das CEBs vão tomando consciência da sua dignidade, do seu valor, dos seus direitos e dos direitos dos outros, vai crescendo neles a consciência crítica com relação às situações que são a negação frontal do Projeto de Deus: concentração iníqua da riqueza, desemprego, doenças, moradia e transportes indignos, falta de escolas, de atendimento médico e um longo etc.

Desta consciência surge a motivação para a participação, para as reivindicações concretas, para lutar sem esmorecer na construção de uma "nova sociedade", mais justa e mais fraterna, mais de acordo com o Projeto de Deus proclamado no Evangelho de Jesus. E vice-versa. Na medida em que cresce sua participação e organização para resolver seus problemas concretos mais imediatos, vão tomando consciência das causas estruturais, das "raízes" da sua situação de pobreza e de marginalização, que estão além do lugar em que eles vivem e que, portanto, não podem resolver localmente. A partir desta descoberta, vêem a necessidade de participar de outras associações, de organizar-se sindical e politicamente. Se, por um lado, esta passagem é a mais difícil, a mais delicada e a mais arriscada, a que pode suscitar mais divisões e conflitos; por outro lado, é a mais importante, por causa do "bem mais universal" que através dela se pode conseguir.

Os membros das CEBs sentem-se movidos e motivados à prática da solidariedade, empenham-se nas mais variadas iniciativas para fazer-se próximos dos mais necessitados e abandonados, porque sabem que "ajudando os outros é que a gente é devoto" (EJP, 238), como eles historicizam a parábola do Bom Samaritano e obedecem às palavras de Jesus: "Vai, e faz também tu o mesmo" (Lc 10,37).

<sup>49</sup> Para uma documentação mais ampla, sobretudo a partir dos relatórios das comunidades, ver TEIXEIRA, *Fé na vida*, 122-134 ("CEBs e prática política").

## A. A vida espelhada na Bíblia

Ao descobrir a Bíblia, o povo das CEBs descobre nela, como num espelho, sua própria realidade. A imagem do espelho aparece com freqüência nos relatórios elaborados para os Encontros Intereclesiais<sup>50</sup>. "O Evangelho tem sido comparado a um espelho, e, para o nosso pessoal, reflexão é antes de tudo conferir a realidade com o Evangelho para melhor enxergar seus contornos" (EV2, 524). "Já outro comparava o Evangelho com um espelho onde eu vejo a imagem do que sou dentro da realidade onde estou" (EV2, 516). "Descobrimos que o Evangelho está na vida, descobrimos que nossa vida está no Evangelho" (EV2, 515). "Nas incontáveis reuniões de comunidade, o pensamento do Evangelho é constantemente ajuntado e amassado com a farinha dos fatos, com a pasta das situações. Tudo se ilumina com a Palavra de Deus. E toda reflexão e toda reza estão engrenadas na vida real... Ou ainda, num dizer muito corrente entre eles: o Evangelho e a Vida são os dois trilhos sobre os quais avança o trem da comunidade"<sup>51</sup>.

Os pobres das CEBs encontram na Bíblia sua própria história: suas lutas, seus sofrimentos, suas esperanças; o mesmo amor de Deus que acompanha sempre o seu povo e que intervém na história para libertá-lo. "O Evangelho deve estar iluminando e questionando a vida, os trabalhos, o sindicato, a roça comunitária, os mutirões. Ele dá força. É a presença de Deus em nosso meio" (EC, 429). "Hoje, depois que começamos a aprender a ler a Bíblia, a gente encontra nela as coisas de vida" (EV2, 551). "A Palavra de Deus é algo que faz parte da minha história" (ESP, 169). Uma única frase de uma senhora do Ceará expressa com simplicidade genial a sintonia das alegrias e tristezas do povo das CEBs com as do povo bíblico: "A gente nem precisou sair do Ceará para entender a Bíblia"<sup>52</sup>. A mesma sintonia da própria história com as histórias narradas na Bíblia é expressa por um lavrador, referindo-se à vida de Jesus: "A gente se inculcou que Jesus não estava assim tão longe de nós. O que ele diz está tudo dentro da realidade nossa. A vida diária do trabalhador não passa de uma história que a gente vai vivendo. Dentro dela, acontece tudo aquilo que está escrito nas palavras da vida de Jesus. As Palavras dele podem cair direto no nosso ouvido de hoje. É só a gente ler ou escutar uma ou duas vezes, pensar na realidade da vida e encaixar nela o Evangelho: todo mundo compreende, fácil, que o Evangelho está aí, no meio do nosso caminho"<sup>53</sup>. "A luz o Evangelho clareava nossa realidade. Agora, em nome de Jesus, a gente não podia ficar calado, fazendo de conta que não tinha visto" (EV2, 500).

Porque "pisa o mesmo chão do sofrimento de onde brotou a Bíblia"<sup>54</sup>, poderíamos dizer que o povo das CEBs chega à compreensão dos relatos bíbli-

<sup>50</sup> Ver TEIXEIRA, *Fé na vida*, 149-155.

<sup>51</sup> FERNANDES, *Como se faz...*, 63.

<sup>52</sup> Citada por C. Mesters, ver as referências em TEIXEIRA, *Fé na vida*, 150, nota 47.

<sup>53</sup> "Os estudos bíblicos de um lavrador", citado por TEIXEIRA, *Fé na vida*, 151.

cos com os pés, com o corpo sofrido, antes de chegar com a inteligência. É impossível compreender a Bíblia só com a inteligência. Para compreender a revelação de Deus, que é rico em misericórdia e tem entranhas de compaixão, é imprescindível um coração compassivo. Este é o sentido do conselho dado pelo Pe. Alfredinho a Frei C. Mesters: "Não entre nunca sozinho na Bíblia. Você se perderia e não encontraria nada. Leve consigo na sua lembrança a dor do povo a que pertence"<sup>55</sup>. "O povo anda muito feliz por ter reencontrado o tesouro das Escrituras. Não vai largá-lo mais. Passa horas nas conversas do Evangelho, dele tirando coisas novas e velhas. Até parece que tudo foi escrito para eles (...) De dentro da vida os humildes lêem melhor e intuem, por conaturalidade, as 'palavras da vida', as quais, bem sabemos, foram vida antes de serem palavras. Tudo lição nova do Reino!"<sup>56</sup>

O espelho da Bíblia reflete não só a vida sofrida dos pobres, mas também sua esperança, que ilumina e dá força para continuar a caminhada. "A Bíblia não é somente o livro de um povo oprimido, mas também o livro das promessas. Nesse livro o povo oprimido lê seu futuro: sabe que lhe está prometido o destino de povo universal, de portador atual da libertação de toda a humanidade"<sup>57</sup>.

Que a descoberta do Evangelho nas CEBs e sua força irradiadora e transformadora realizam o que constitui o centro mesmo da NE aparece claramente neste texto de C. Mesters:

"O Evangelho quer é colocar o homem novamente em contato com o Novo. Isto é, quer fazer explodir dentro da consciência do homem a verdade antiga e sempre Nova que é Deus conosco (Javé). Deus, Ele mesmo, é sempre mais novo do que tudo que nós possamos pensar ou dizer a respeito dele. O contato com este 'novo' é extremamente 'renovador' e, tendo condições de penetrar onde quer penetrar, há de revolucionar e renovar a cultura, as idéias, a sociedade e tudo que é humano, até que não sobre mais nada de antigo, incompatível com este Deus. Este contato com Deus tem um alcance profundamente político"<sup>58</sup>.

A Palavra de Deus ilumina a vida e a vida ilumina, no sentido de que faz compreender, a Palavra de Deus como palavra historicizada, como palavra dita aqui e agora, para libertar-salvar os homens concretos, de carne e osso, os José, Maria, João, Pedro, Raimundo, Benedita... que a ouvem. "Há uma influência mútua da vida sobre a Bíblia e da Bíblia sobre a vida. Uma sem a outra só se entende pela metade"<sup>59</sup>.

<sup>54</sup> C. MESTERS, *ibid.*

<sup>55</sup> C. MESTERS, *A missão do povo que sofre*, Petrópolis, Vozes, 1981, 18

<sup>56</sup> FERNANDES, *Como se faz...*, 63-64.

<sup>57</sup> J. COMBLIN, *O tempo da ação*, Petrópolis, Vozes, 1982, 86.

<sup>58</sup> C. MESTERS, "O futuro do nosso passado", em *Uma Igreja que nasce do povo*, 186-187.

<sup>59</sup> C. MESTERS, "A brisa leve, uma nova leitura da Bíblia", *SEDOC* 11 (1978/79) 733-365 (764-765); ver do mesmo autor, *Flor sem defesa*. Uma explicação da Bíblia a partir do povo, Petrópolis, Vozes, 1983, 109.

## B. O tripé para a leitura da Bíblia e sua tradução na vida

A circularidade entre os três elementos que formam o tripé da leitura da Bíblia pelas CEBs é explicada por C. Mesters recorrendo à sua característica linguagem em imagens, através da qual torna compreensíveis para o povo as regras da hermenêutica bíblica<sup>60</sup>. A Bíblia é o texto, a comunidade é o con-texto e a realidade é o pré-texto. A Palavra de Deus, contida no *texto* escrito, é ouvida, interpretada e obedecida na comunidade de fé. Fora deste *contexto* não pode ser ouvida nem, portanto, verdadeiramente obedecida. Por outro lado, a Palavra de Deus só pode ser concretamente obedecida, isto é, só pode levar as pessoas que a ouvem a fazer a vontade de Deus, o que Deus quer delas nesse momento, quando o texto, ouvido no con-texto comunitário, é interpretado desde o que C. Mesters chama *pré-texto*, a situação real em que se encontra a comunidade.

A comparação mais usada para explicar este círculo hermenêutico é a do violão. "O texto é a corda, o con-texto é a caixa de ressonância, o pré-texto é o motivo que leva a tocar e o público que pede a alegria de uma música. Sem o público que pede, sem um motivo para tocar, sem a caixa de ressonância, o que sobra são umas cordas, uns textos, que não produzem música por si"<sup>61</sup>. Se faltar qualquer um dos três elementos, a Palavra de Deus não fala e, portanto, não pode ser obedecida, praticada. O texto bíblico tem seu sentido literal e não pode ser distorcido nem manipulado. Mas ele sozinho fica mudo e estéril, não produz frutos. "A falta do 'pré-texto' faz o povo se fechar num gueto religioso. A falta de 'con-texto' faz o povo perder a sensibilidade para a presença do Cristo vivo no meio dele. Ora, quando desaparece aquele que pronuncia hoje a palavra para nós, ficando só a palavra sem o seu dono e autor, perde-se a liberdade para interpretá-la e a palavra é mistificada como autoridade suprema e rígida"<sup>62</sup>.

## C. Uma nova imagem de Deus, de si mesmo e da sociedade

Através da leitura da Palavra de Deus os membros das CEBs vão descobrindo progressivamente uma nova imagem de Deus; e a partir dela, uma nova imagem de si mesmos, da sociedade e da história. A descoberta do Deus da vida, do seu projeto libertador-salvador, que quer que todos tenham vida e a tenham em plenitude (Jo 10,10), é para os pobres das CEBs uma Boa Nova que tem de tornar-se realidade em suas vidas. É uma questão de fidelidade à vontade de Deus. A própria vida é vista com olhos novos: não mais como uma fatalidade e uma carga a serem suportadas, mas como uma tarefa de libertação da opressão e da marginalização a ser realizada com todas as forças, e com a força da graça de Deus, porque Deus assim o quer.

<sup>60</sup> Ver MESTERS, *Flor sem defesa*, 140s.; ID., "O uso da Bíblia nas comunidades cristãs de base", S. TORRES (org.), *A Igreja que surge da base*, São Paulo, Paulinas, 1982, 299.

<sup>61</sup> MESTERS, *Flor sem defesa*, 143.

<sup>62</sup> *Ibid.*, 154.

Os participantes das CEBs levam a sério o Evangelho. Não se contentam com conhecer. Querem pôr em prática o projeto de Deus, converter a palavra ouvida em ação transformadora no aqui e agora das situações de opressão e de marginalização em que se encontram. "Viver o Evangelho é respeitar os direitos da pessoa humana" (EV2, 460). "Começando a viver o Evangelho, começamos a dar passos de libertação" (EJP, 333). "Desde que se junta o Evangelho com a situação aparecem rumos novos. E também a necessidade de uma ação" (EV2, 495).

As CEBs expressam de mil maneiras a convicção a que chegaram através da leitura comunitária da Palavra de Deus, e que Santo Irineu formulou lapidarmente: *Gloria Dei vivens homo*. No centro do plano de Deus, da nova criação de Deus realizada em Jesus Cristo, está o respeito e a promoção da dignidade e dos direitos do homem estabelecidos por Deus. Eis alguns depoimentos das CEBs que revelam o novo rosto de Deus como *lahweh* e como *Emmanuel*, tal como ele lhes foi sendo revelado, sobretudo no Evangelho.

"Antes era um Deus vingativo e estava nas nuvens. Hoje é aquele que está ali, em cada um, inspirando e modificando a vida da gente... um Deus que anda conosco" (EV2, 552). "Fui lendo o Evangelho e vi que Deus não podia estar satisfeito com tanto sofrimento no mundo. E aí passei a participar da comunidade"<sup>63</sup>. "Se não fosse o Evangelho, eu não estaria aqui nem teria a força para fazer o que faço!"<sup>64</sup>. "Enquanto não tinha descoberto o Evangelho, a gente ficava de cabeça baixa diante da opressão"<sup>65</sup>. "Nós estamos sentindo a exploração, assim não dá para viver; Deus não pode gostar disso tudo" (ESP, 243). "A maior escravidão é a gente pensar que porque Jesus morreu na cruz nós somos animais dos grandes" (EJP, 285). Pode ser expresso com mais força o compromisso da NE com o "combate evangélico pela dignificação do homem", proposto por João Paulo II aos bispos da América Latina?

## Conclusões

1. As características da NE descritas por João Paulo II nos três discursos comentados na primeira parte do nosso estudo são, em graus diversos, prática cotidiana no "novo jeito de ser Igreja" das CEBs.

Nelas é praticado o tríplice olhar de que fala repetidas vezes o Papa: o olhar de fidelidade ao passado manifesta-se, por exemplo, na fidelidade à Palavra de Deus, no sentido de pertença à Igreja, na prática dos sacramentos e de formas de religiosidade popular vindas do passado; o olhar para os desafios do presente manifesta-se sobretudo na articulação fé-vida, vista com razão como um dos

<sup>63</sup> RIBEIRO DE OLIVEIRA, *REB* 1983, 100.

<sup>64</sup> Testemunho de um agricultor no III Encontro Intereclesial; citado por MESTERS, *SEDOC* 1978/79, 735.

<sup>65</sup> Depoimento colhido no V Encontro Intereclesial por RIBEIRO DE OLIVEIRA, *SEDOC* 1983/84, 314.

traços mais característicos das CEBs, assim como na responsabilidade pela edificação da comunidade eclesial e pela transmissão da fé recebida; o olhar de esperança para o futuro manifesta-se nas mais diversas formas de compromisso e de luta pela construção de uma nova sociedade, “livre e fraterna, justa e pacífica, fiel a Cristo e ao homem latino-americano”.

Desse tríplice olhar — diz o Papa — deve brotar um “compromisso não de re-evangelização, mas sim de uma evangelização nova. Nova em seu ardor, em seus métodos, em sua expressão”. Dito com outras palavras, a Igreja tem de buscar sempre novos caminhos e novas expressões para que a novidade permanente do Evangelho possa ser “ouvida” e “obedecida” pelos homens contemporâneos. Ora, nas CEBs dá-se um processo permanente de criatividade nesta linha, que é simultaneamente um processo de purificação e de aprofundamento da fé e dos valores evangélicos já enraizados no povo e nas comunidades.

A evangelização praticada nas CEBs não é mera doutrinação, mas é uma NE no sentido explicitado por João Paulo II. Ela nasce de uma “união cada vez maior com Cristo, primeiro evangelizador”, da experiência do encontro pessoal e comunitário com o Evangelho, isto é, com o projeto salvífico-libertador de Deus revelado em Jesus Cristo. Desde esta experiência da redescoberta e do aprofundamento da fé e da conversão, as pessoas e as comunidades tornam-se evangelizadoras *ad intra* e *ad extra* pelo anúncio e pela denúncia, e sobretudo pelo testemunho da “fé que opera pela caridade” (Gl 5,6).

2. No discurso feito aos bispos no Haiti, o país mais pobre da América Latina, depois de mencionar as “injustiças”, a “exploração de uns pelos outros”, a “falta grave de equidade na distribuição das riquezas e dos bens da pela cultura”, João Paulo II repete pela enésima vez a exigência evangélica da *opção pelos pobres*: “Os mais pobres devem ter uma preferência no vosso coração de pais e na vossa solicitude de pastores”. Por ser uma exigência do que constitui o coração mesmo do Evangelho, a preferência pelos mais necessitados — continua o papa — deve ser praticada por todos os fiéis de todas as comunidades cristãs.

Na América Latina, as injustiças cometidas contra os pobres continuam a ser o maior e o mais urgente desafio à missão evangelizadora da Igreja. O compromisso com a evangelização dos pobres tem de ser ainda mais radicalizado no momento atual por causa dos efeitos perversos causados neles pelas políticas do neoliberalismo econômico. Levado ao extremo de sua lógica, este não produz mais oprimidos; segrega excluídos, verdadeiros párias, para os quais não há lugar na sociedade porque ela não precisa deles para funcionar.

3. Também na América Latina, a NE tem de enfrentar alguns dos desafios típicos da *modernidade*. Aludimos a alguns mais diretamente relacionados com os temas desenvolvidos na terceira e quarta parte do trabalho.

Pela própria experiência de encontro com a Palavra de Deus, as CEBs vivem o que há de positivo na valorização do sujeito e do subjetivo na cultura

moderna. Elas têm também a experiência da dimensão comunitária da fé cristã, que deverá ser ainda mais fortalecida como dique contra a maré de individualismo. Ambas, junto com a experiência da responsabilidade pela edificação da comunidade e pelo anúncio do Evangelho, serão o antídoto mais eficaz contra os estragos causados entre os católicos "tradicionais", sem formação religiosa e sem vida comunitária, pela proliferação das seitas.

A redescoberta da Palavra de Deus, mais particularmente do amor salvífico de Deus revelado em Jesus Cristo como centro de toda evangelização, constitui uma verdadeira virada evangélica na consciência da Igreja Católica pós-conciliar. Nas CEBs está sendo vivido um novo catolicismo que, sem perder a riqueza das dimensões institucional e sacramental da tradição católica, é mais evangélico, e conseqüentemente, mais evangelizador. Com efeito, quanto mais profundamente é vivida a fé maior é a motivação para partilhá-la e anunciá-la aos outros. E vice-versa: "A fé é fortalecida quando é doada aos outros" (RM 2).

4. Diante do desafio de uma *secularização* que traz como conseqüência a privatização da fé e ao desafio de um retorno do sagrado que fomenta uma experiência religiosa de tipo individualista, intimista e espiritualista, a prática da relação fé-vida das CEBs deve servir também como modelo inspirador para uma NE que esteja à altura destes desafios. No seu nível e no seu contexto, elas são de fato modelos de "combate evangélico pela dignificação do homem" (João Paulo II), de prática da "caridade política" (Pio XI), de concretizações históricas da justiça do Reino que deve ser buscada em primeiro lugar (Mt 6,33).

**Álvaro Barreiro** é doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Gregoriana (Roma). Professor de teologia sistemática na Faculdade de Teologia do CES (Belo Horizonte-MG). Entre suas obras destacam-se: *Comunidade Eclesiais de Base e Evangelização dos Pobres*, Loyola, São Paulo, 1977; *Os pobres e o Reino: Do Evangelho a João Paulo II*, Loyola, São Paulo, 1983.

**Endereço:** Caixa Postal 5047 — 31611-970 Belo Horizonte-MG